

A CIDADE SUBALTERNA REPRESENTADA NOS ROMANCES DA SAGA DO CACAU DE JORGE AMADO: IMAGINÁRIO URBANO SOBRE “OUTRA” ILHÉUS NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930

THE SUBALTERN CITY REPRESENTED IN JORGE AMADO'S COCOA SAGA NOVELS: URBAN IMAGINARY ABOUT “OTHER” ILHÉUS IN THE 1920s AND 1930s

Igor Campos Santos*

RESUMO

A Cidade de Ilhéus, no Sul da Bahia, passou por processos de modificações urbanas que motivaram a formulação de representações acerca de seu espaço citadino referentes às décadas de 1920 e 1930. Jorge Amado, romancista baiano, em suas narrativas da saga do cacau, recriou o ambiente urbano do período, destacando, também, os espaços subalternizados e seus habitantes. O objetivo desta pesquisa é apresentar essas representações socioespaciais presentes na ficção, buscando, assim, a reconstrução de um imaginário urbano que abarque sujeitos e lugares silenciados ou esquecidos da memória urbana de Ilhéus, bem como outras representações possíveis para a cidade.

PALAVRAS-CHAVE: *Ilhéus. Jorge Amado. Representação. Subalternos.*

ABSTRACT

The City of Ilhéus, in south Bahia, went through processes of urban changes that motivated the formulation of representations about its town space, referring to the 1920s and 1930s. Jorge Amado, a local novelist, in his narratives of the cocoa saga, recreated the urban environment of the period, also highlighting the subordinated spaces and their inhabitants. The objective of this research is to introduce these socio-spatial representations presented in Amado's fiction, thus seeking the reconstruction of an urban imaginary that encompasses silenced or forgotten subjects and places of the urban memory of Ilhéus, as well as other possible representations of the city.

KEYWORDS: *Ilhéus. Jorge Amado. Representation. Subalterns.*

Durante a década de 1920, Ilhéus passou por processos de transformações urbanas, promovidas pela intendência em conjunto com os Coronéis e homens de negócios, detentores de grandes capitais, que alteraram principalmente o seu espaço central. Todavia, outras zonas da cidade não receberam a mesma atenção que a região do centro urbano e arrabaldes populosos, como o Alto da Conquista, Unhão (Outeiro de São Sebastião) e Ilha das Cobras (ou rua do Gameleiro), continuavam sem os serviços públicos recém-implantados, como esgoto, água encanada, calçamento e energia elétrica. Nesses espaços

* Mestre em História pela Universidade do Estado da Bahia (Uneb). E-mail: campos1996@outlook.com

subalternizados não existiam boas condições sanitárias: em épocas de chuvas, as casas e as ruas alagavam, enchendo-se de lama e acumulando água parada; existiam cocheiras para vacas e cavalos; seus habitantes criavam animais nos quintais das casas, como galinhas, patos e porcos, para consumo próprio ou comercialização; as casas, em sua maioria, eram de madeira cobertas por palha. Em suma, esses lugares eram a antítese da imagem do progresso e civilização que se criou para Ilhéus no período em questão.

Na imprensa escrita local, esses espaços eram retratados como o foco das moléstias e da imoralidade, onde prosperava a jogatina, a violência, a prostituição, e sua população era considerada “mal afamada” (SANTOS, 2021). Porém, na ficção amadiana, esses lugares são dotados de forças de resistência revolucionária e descritos detalhadamente na intenção de denunciar as mazelas do progresso e do capitalismo imperialista. Seus habitantes são, reconhecidamente, pertencentes à classe trabalhadora, explorados cotidianamente, mas sempre resistindo da forma como podiam.

Nesse período, o poder municipal tentou impor uma série de normas de comportamentos aos sujeitos que moravam ou circulavam pelo centro de Ilhéus, e principalmente sobre os habitantes das zonas suburbanas. Contudo, esses sujeitos não obedeceram passivamente às imposições da intendência, adaptando suas formas de viver e se portar socialmente, resistindo e ressignificando o espaço urbano da forma que podiam (CARVALHO, 2015).

O objetivo deste texto é evidenciar alguns outros sujeitos, práticas, vivências e memórias que fizeram parte da própria história de Ilhéus e foram referenciados na ficção amadiana relativa à saga do cacau, mas que também foram deixados de fora da representação e da memória social de Ilhéus. Ao mesmo tempo, nosso intuito é valorizá-los historicamente como partícipes da construção e transformação da urbe. Para tal fim, destacamos as representações dessa “outra” cidade presentes nos romances de Jorge Amado figurados em Ilhéus e construímos uma interpretação sobre a cidade da década de 1920, visando contrapô-la com a representação já cristalizada no imaginário urbano e na memória coletiva dos coronéis do cacau.

Para tal fim, trabalhamos com a noção de Representação, entendendo-a como percepção e composição da realidade, determinada por interesses de diferentes grupos que disputam entre si para consolidar sua visão de mundo. Assim, adotamos o sentido da representação como a presentificação da ausência de algo ou alguém por meio da imagem que assume seu o lugar, reconstruindo o objeto em memória (CHARTIER, 1990). Utilizamos, também, o método indiciário (GINZBURG, 1989) para evidenciar um imaginário urbano oposto às representações consolidadas a respeito de Ilhéus, resgatando na ficção amadiana os rastros que nos possibilitam construir uma narrativa que leve em consideração os espaços e sujeitos subalternizados.

PERCURSOS FICCIONAIS POR UMA “OUTRA” ILHÉUS

De acordo com Pechman (1994, p. 5), “diferentes olhares se voltaram para a cidade no intuito de identificar e desvendar ali, por onde passavam as linhas do destino da civilização”. Para o pesquisador,

os primeiros que voltaram seus olhares para a cidade como “cenário para [a] observação do mundo” foram os romancistas, que observaram os problemas e os impactos da vida urbana sobre os cidadãos, retirando daí a matéria-prima para sua interpretação do mundo (PECHMAN, 1994, p. 5). Em seguida, vieram os higienistas e médicos, que tentaram transformar a cidade em um corpo saudável, e, para alcançar tal objetivo, associaram-se aos engenheiros em busca de promover as reformas sanitárias pretendidas. Na sequência, temos os olhares dos filantropos, pesquisadores sociais e moralistas, que se preocuparam com as condições e o modo de vida dos trabalhadores urbanos. Por fim, “na trilha dos médicos, filantropos, moralistas e utopistas, surgem os técnicos da cidade com seu ‘olhar clínico’: os urbanistas” (PECHMAN, 1994, p. 5).

No caso de Ilhéus, os primeiros “olhares” lançados sobre a cidade não foram os dos romancistas, mas dos médicos e higienistas, que buscaram, através do poder municipal, promover mudanças infraestruturais em seu espaço central. Deve-se contar, ainda, com os olhares de cronistas, memorialistas, pesquisadores e viajantes que passaram pela cidade e deixaram registros de suas percepções do meio urbano.

Entretanto, voltemos inicialmente ao primeiro olhar sobre a cidade citado por Pechman: o dos romancistas. Margarida Neves, visando “lançar mais um ‘olhar sobre a cidade’, desta vez buscando ‘o povo na rua’” (NEVES, 1994, p. 135), utiliza como fonte as crônicas de autores cariocas produzidas entre 1870 e 1920, destacando a presença das “multidões anônimas” da cidade nesses textos. Segundo ela, enquanto a elite e os governantes preocupavam-se com o perigo dessas multidões e salientavam seus aspectos de atraso e barbárie, os cronistas enfatizavam o modo de vida dos sujeitos que a constituíam e suas maneiras sutis de resistência na cidade símbolo da modernidade brasileira.

Neves também afirma que esses cronistas já reconheciam a existência de duas cidades distintas, a cidade-capital e a cidade-noturna, ou a cidade europeia e a cidade indígena (NEVES, 1994, p. 138-139). É a partir das informações contidas nessas crônicas que a autora remonta a história da urbanização do Rio de Janeiro sob o ponto de vista de atores sociais que viveram o/no período, destacando a maneira como eles perceberam tais mudanças.

Em seus romances da saga do cacau Jorge Amado fez algo semelhante ao que os cronistas cariocas fizeram. Suas narrativas referentes à “saga do cacau” são conhecidas por representarem a região cacaeira, e principalmente a cidade de Ilhéus, em seu período de auge econômico. Contudo, ele também elabora um longo relato das condições de pobreza dos trabalhadores urbanos e rurais, suas moradias, das ruas periféricas e arrabaldes da urbe. Em suma, o escritor apontou e discutiu as ambiguidades sociais e espaciais presentes na “Princesa do Sul”, a materializada no espaço e tempo em que viveu e a construída em seu imaginário.

É necessário destacar aqui que apreciamos a literatura, como propõe Sandra Pesavento (2002, p. 10), “como uma leitura específica do urbano, capaz de conferir sentidos e resgatar sensibilidades aos cenários citadinos, às suas ruas e formas arquitetônicas, aos seus personagens e às sociabilidades que nesse espaço têm lugar”. Por isso, tomamos como essencial a aproximação entre História e Literatura,

já que a literatura pode ser compreendida como “uma recriação imaginária do real” e oferece “leituras possíveis de vida” através da configuração de “um tempo passado na compreensão narrativa” (LEENHARDT; PESAVENTO, 1998, p. 13-14).

Vemos, por exemplo, em *Cacau* que o escritor fez um relato, através da voz do narrador João Cordeiro ou Sergipano, sobre a vida dos trabalhadores, operários e “alugados”, bem como a respeito do regime de explorações a que esses sujeitos estavam submetidos. Ilhéus aparece nesse romance como um dos pontos preferenciais de sergipanos e de outros nordestinos, que migravam em busca de melhores condições de vida, na esperança de enriquecimento fácil através do trabalho na lavoura cacauieira, pois “o cacau exercia sobre eles uma fascinação doentia” (AMADO, 2010a, p. 22). A cidade é apresentada como a “terra do cacau e do dinheiro” (AMADO, 2010a, p. 25) para onde se encaminhou o protagonista após ser demitido da fábrica na qual trabalhava em São Cristóvão - SE.

No primeiro momento, da viagem até a chegada em Ilhéus, a narração é marcada pela esperança na partida para uma terra com mais oportunidades, tendo o protagonista abandonado seu trágico passado pessoal. Porém, após alguns dias vivendo na cidade, esse sentimento é substituído pela fome, pelo desespero e pelo ódio.

Ao desembarcar no porto, o Sergipano foi informado por um carregador que devia procurar pensão na Ilha das Cobras, “aglomerado de ruelas que se escondia no fim da cidade pequena e movimentada” (AMADO, 2010a, p. 28), deixando nítido que era nesse local que os migrantes recém-chegados em Ilhéus, procurando trabalho e riquezas, encontravam abrigo barato. As diferenças nas espacialidades urbanas e a desigualdade social podem ser percebidas através da experiência vivenciada pelo narrador em seus momentos mais desesperadores enquanto estava na cidade, como quando, na noite iluminada pelas lâmpadas elétricas do centro, parado em frente à padaria e sentindo fome, tentado a roubar pães, ele delira:

Pensei em Jesus multiplicando os pães, mas logo depois não via mais Jesus. Via a fome. A fome com os cabelos de Jesus e os seus olhos suaves. A fome multiplicava os pães, enchia a pastelaria toda, deixando um canto apenas para o empregado. Após multiplicar, dividia. A fome tinha agora um manto de juiz e a mesma expressão terna de Jesus. E dava os pães todos aos ricos, que entravam em procissão com notas de cem mil-réis nos dedos com anéis e mostrava um grande pedaço de língua aos pobres, que na porta estendiam os braços secos. Mas os pobres invadiam a “X do Problema”, derrubavam a imagem da fome e levavam os pães (AMADO, 2010a, p. 29-30).

O trecho lembra “A Família de olhos”, do poema *Os Olhos dos Pobres*, de Charles Baudelaire, analisado por Berman, pela perspectiva do pobre, que no caso é o próprio narrador-personagem. De acordo com o filósofo, nos versos do poeta francês essa “família de olhos”, composta pelo pai, pelo menino e pelo bebê, observava com fascínio as luzes da modernidade que começavam então a transformar a Paris de Haussmann. Em suas palavras: “A fascinação dos pobres não tem qualquer conotação hostil; sua visão do abismo entre os dois mundos é sofrida, não militante; não ressentida mas resignada” (BERMAN, 1986, p. 145). Comparando com o trecho de *Cacau*, percebemos que o fascínio do Sergipano em frente à padaria é motivado pela fome e, ao contrário dos pobres de Baudelaire, o

narrador tem, nitidamente, uma visão militante e crítica no que se refere à percepção das diferenças que separavam os ricos, que adquiriam o pão “com notas de cem mil-réis nos dedos com anéis”, dos pobres, “que na porta estendiam os braços secos”, mas que também podiam invadir a “X do Problema”, derrubar a imagem da fome e levar consigo os pães (AMADO, 2010a, p. 30).

Como um “leitor especial do social” (PESAVENTO, 2002, p. 53), Jorge Amado fez uma crítica às contradições socioeconômicas presentes na “Capital do Cacau”, demonstrando que o que se falava sobre Ilhéus em outros estados não englobava a totalidade da realidade da urbe. Na curta estadia de Sergipano no centro da cidade é possível notar algumas dessas diferenças, desde a sua chegada, quando foi imediatamente direcionado para a “Ilha das Cobras” em busca de pensões baratas para trabalhadores, até o momento em que embarcou no trem com destino à fazenda de Manuel Teles, onde conseguiu um emprego de “alugado”. Nesse meio tempo, ele circulou brevemente por alguns espaços urbanos.

Após o delírio em frente à padaria, Sergipano resolveu, então, andar por todas as ruas da cidade, tentando esquecer a fome para não pensar em furtrar pães. O último lugar em que o personagem parou foi em frente ao prédio da intendência, onde encontrou um guarda-civil, de nome Roberto, admirando o jardim da praça. Os dois iniciaram um diálogo enquanto caminhavam até o porto, até que o guarda falou para Sergipano:

Uma merda, uma porcaria essa vida. Às vezes eles, os ricos, me dizem: Por que você faz tanto filho, Roberto? Ora porquê... Que havia a gente de fazer senão filhos? A gente não vai a cinema, não vai a divertimento algum... Apontava o morro da Conquista:
 – Moro lá em cima, camarada. Há pouca comida e muita boca. Mas num dia de fome sempre se encontra o que comer.
 Chegamos ao porto. Um prédio enorme dormia, pesado na noite. Roberto explicou:
 – Um sobrado do Coronel Manuel Misael de Sousa Teles. Ricaço daqui. Embaixo é o Banco dele. Tem dinheiro... (AMADO, 2010a, p. 31-32).

Segundo Pesavento (2002, p. 53), “o escritor [...] espregueira e consegue ver as coisas, [...] tece reflexões, se perde e se encontra nas ruas, fazendo falar o que se encontra aparentemente em silêncio, desvelando sentidos”. É exatamente isso que constatamos quando o romancista dá voz a personagens que se queixam das suas condições precárias de vida em uma cidade considerada rica e próspera. Talvez a consciência social de Amado tenha começado a se desenvolver ainda durante sua adolescência, quando passou a “viver muito intensamente a vida popular da Bahia” (RAILLARD, 1990, p. 33) e iniciou os seus trabalhos como repórter investigativo de porta de cadeia, aos 14 anos, para o jornal *Diário da Bahia*. Em conversa com Raillard (1990), Jorge Amado explica:

[...] ia às delegacias para me informar sobre o que ocorrera desde a véspera – os acidentes, os crimes, as brigas, qualquer coisa; ia ao necrotério para saber quem morrera, em que estado estava o cadáver, quantas facadas recebera, em que circunstâncias etc., para o registro de fatos diversos (RAILLARD, 1990, p. 32).

Em síntese, esses são alguns dos espaços urbanos por onde o narrador-personagem de *Cacau* passou antes de ir para o trabalho na fazenda do Coronel Manuel Teles: o porto, a “Ilha das Cobras”, o

centro e a Conquista. A “Ilha das Cobras” e a Conquista constituíam os arrabaldes, onde habitava a classe trabalhadora e os pobres da cidade; o centro é o *locus* da riqueza e o porto é o ponto de encontro entre as diferentes classes sociais, mas que, nem por isso, deixava de ser um território hierarquizado.

O local denominado “Ilha das Cobras” voltou a fazer parte da narrativa amadiana em *São Jorge dos Ilhéus*. Nesse romance, esse espaço é apresentado como “a zona mais baixa de toda a cidade, a mais pobre também” (AMADO, 2020b, p. 136-137), que sofria com constantes alagamentos durante os temporais. O narrador da trama explica que isso foi provocado pela intendência, que havia “derrubado uma parte do morro próximo para rasgar as ruas novas do moderno bairro junto à estrada de ferro”, fazendo com que o local ficasse “sem nenhuma defesa” contra as chuvas (AMADO, 2010b, p. 137). O subúrbio é referido da seguinte forma no romance:

Diziam os habitantes que, na estação das chuvas, o bairro ficava totalmente isolado da cidade. Daí o nome de Ilha que lhe haviam dado. Não só ficava cercado de água, como ficava inundado, a água por dentro das casas, ilha e lago ao mesmo tempo. Toda a água que corria pela cidade terminava por vir dar ali, por inundar a Ilha das Cobras. E trazia no arrastão, o barro vermelho que sobrara do morro posto abaixo, as ruas tortuosas viravam um lamaçal visgoso (sic.), terrível de atravessar. Uns poucos postes iluminavam essa orgia de vermelho sujo, colorido estranho que muitos habitantes da cidade limpa não sabiam sequer que existia. Uma que outra lâmpada elétrica brilhava no interior de algumas cabanas. Na maioria, porém bruxuleava a luz vermelha dos candieiros, pondo mais sombra que claridade nos interiores. Aqui, na Ilha das Cobras, viviam os operários da estrada de rodagem, muitos ferroviários, alguns da fábrica de chocolate, carregadores do porto, estivadores das docas (AMADO, 2010b, p. 137).

A “Ilha das Cobras” era um conjunto de ruas localizadas próxima ao centro da cidade, entre a estação de trem e o morro onde fica o bairro Conquista. Nos anos 1920 esse espaço era considerado zona suburbana, pelo fato de ser um local de habitações populares nas quais viviam os sujeitos subalternizados, ou “mal afamados”. A zona não recebeu quase nenhum dos melhoramentos públicos que chegaram para a área central, localizada a poucos metros, no período citado (RIBEIRO, 2008; SANTOS, 2021).

Esse era o espaço “onde os mais pobres moravam, aqueles que não podiam pagar sequer uma cabana, nem na Conquista, nem no Unhão” (AMADO, 2010b, p. 136), e a maioria das moradias encontradas ali eram “mocambos de palha, [com] as paredes de barro batido”. Em resumo, a “Ilha das Cobras” era o “lugar onde os ilheenses nunca levavam os turistas que saltavam dos aviões no interesse de conhecer a civilização do cacau” (AMADO, 2010b, p. 136).

Explica Pesavento (2002, p. 32):

Uma cidade é, sem dúvida, antes de tudo, uma materialidade de espaços construídos e vazios, assim como é um tecido de relações sociais, mas o que importa, na produção do seu imaginário social, é a atribuição de sentido, que lhe é dado, de forma individual e coletiva, pelos indivíduos que nela habitam. (2002, p. 32)

O imaginário social da Cidade de Ilhéus foi construído a partir da valorização de um “projeto civilizador”, destacando-se sempre as ideias de progresso, civilidade e moralidade. Contudo, é visível na

ficção amadiana outros sentidos atribuídos aos espaços urbanos, sendo os bairros “proletários” considerados pelo autor como lugares miseráveis, onde prevaleciam as péssimas condições de vida, devido à exploração sofrida pelos trabalhadores, aos baixos salários e ao “esquecimento” do poder público sobre aquela área e seus habitantes. O escritor também demonstrou, por meio de sua narrativa, que a “Ilha das Cobras”, bem como outros bairros, como a Conquista e o Unhão (Outeiro), eram vistos pela população de Ilhéus e pelo poder municipal como bairros perigosos, habitados por vadios, ladrões, desordeiros, vigaristas e todo tipo de pessoas fora dos padrões de moralidade desejados. A única intervenção pública frequente nesses bairros era a da polícia, que buscava reprimir os focos de desordem e imoralidade, além da “ameaça comunista” (AMADO, 2010b, p. 136-137).

E para deixar ainda mais nítido o contraste social vivenciado na “Rainha do Sul”, o narrador manifestou a diferença entre o centro da cidade, iluminado pelas “luzes do progresso”, até o bairro “proletário”, mal iluminado, com pequenas lâmpadas em postes de madeira:

No centro da cidade, nas avenidas junto ao mar, nas ruas de botequins próximos ao porto, a iluminação era farta, os focos de luz iluminavam o caminho daqueles que se recolhiam. Mas à proporção que a cidade caminhava para os morros, as luzes diminuía, os postes mais distantes uns dos outros, não eram mais os postes de ferro torneado de três globos elétricos, elegantes e poderosos das avenidas, eram uns postes altos de madeira, com uma lâmpada minúscula em cima. Apenas iluminavam um metro em redor, manchas de luz na escuridão que a chuva aumentava (AMADO, 2010b, p. 136).

Enquanto isso, nas humildes habitações dos operários brilhavam fracamente as luzes vermelhas dos candeeiros ou fifós: “Uma que outra lâmpada elétrica brilhava no interior de algumas cabanas. Na maioria, porém, bruxuleava a luz vermelha dos candeeiros, pondo mais sombra que claridade nos interiores” (AMADO, 2010b, p. 137). Em uma dessas casas, “numa saleta de barro batido, [...] o fifó ilumina[va] os rostos cansados de alguns homens” (AMADO, 2010b, p. 146).

Além de percebermos as referências feitas à realidade material da cidade na década de 1930, também é possível analisar essas passagens sobre a iluminação das ruas e das casas como uma analogia ao progresso, talvez até à modernidade, e à esperança de mudança social comunista. Essas descrições de “iluminação farta” e “luz que iluminavam o caminho”, bem como da sua diminuição em direção aos bairros suburbanos e das “manchas de luz na escuridão”, ou da luz vermelha do fifó que “ilumina os rostos cansados de alguns homens”, podem ser vistas como metáforas ou alegorias da vida moderna e da célula comunista que havia sido implantada em Ilhéus.

No primeiro caso, a presença abundante de iluminação pública no centro da cidade demonstrava o avanço das forças produtivas na sociedade cacaujeira, que permitiu a introdução e o aumento de melhoramentos urbanos e tecnológicos, manifestados naquele espaço como progresso e civilidade. Em contrapartida, enquanto se tomava distância daquela zona em direção aos espaços subalternizados, as “luzes” do progresso iam diminuindo, tornando-se apenas “manchas”, sendo possível perceber a separação entre aquele mundo “moderno” e civilizado e esse outro mundo de “atrasos”, “imoralidade”; em suma, um “mundo de escuridão”. Por outro lado, a luz vermelha dos candeeiros aparece como a

forma de iluminação mais comum das casas dos trabalhadores, que “ilumina” seus “rostos cansados”, demonstrando que o progresso ainda não os alcançou.

Essa descrição da “luz vermelha”, que brilha nas casas do bairro proletário e ilumina os trabalhadores, também pode ser lida como uma analogia ao comunismo e seu papel libertador por meio da instrução daqueles homens e mulheres subalternizados para a promoção da mudança social. Isso porque, no romance, o personagem Joaquim era uma das lideranças do Partido Comunista, em Ilhéus, e ia até à Ilha das Cobras e à Conquista para se reunir com sujeitos pertencentes ao “operariado” em pequenas células, naquelas “cabanas” onde moravam. Finalmente, quando o narrador diz que a luz vermelha do candeeiro colocava “mais sombra que claridade nos interiores” (AMADO, 2010b, p. 137), isto pode ser uma metáfora para a ignorância do proletariado e sua dificuldade no entendimento da teoria revolucionária.

O próprio Jorge Amado comentou que “nunca lera Marx” e que não sabia se seus amigos do partido o leram, mas afirmava com certeza que “a maioria dos líderes do PC sem dúvida jamais o leu” (RAILLARD, 1990, p. 74). Em *Navegação de Cabotagem* ele voltou a afirmar que muitos dos intelectuais dirigentes do partido e líderes de células liam, sem entender, as “brochuras traduzidas do russo ou do chinês para o espanhol”, “arrotando” teorias (AMADO, 2012, p. 32).

Em *São Jorge dos Ilhéus*, o escritor mencionou alguns espaços da cidade e a diversidade de seus habitantes, como as prostitutas dos diversos cabarés de ricos e de pobres, a rua das rameiras, as casas de jogos, os bares e os bêbados, os mendigos e os biribanos. Esses últimos, segundo o narrador, eram os “meninos abandonados” que jogavam futebol na praia com “bola de pano, os gritos alegres, o olhar malicioso” (AMADO, 2010b, p. 60). No fim do dia, “cansados do jogo”, “dormirão sob as pontes, nos bancos de jardim, no vão das casas abandonadas” (AMADO, 2010b, p. 62). As suas primeiras experiências “profissionais” era o “roubo de postas de bacalhau e pedaços de carne seca nas casas de comércio. Por vezes levavam a caixa de dinheiro também, mas isso era raro. Alguns continuavam na profissão” (AMADO, 2010b, p. 140). Em suma, os “biribanos” eram os filhos dos habitantes dos bairros proletários, Conquista, Unhão e, principalmente, da Ilha das Cobras.

O narrador também descreve essas crianças como “negrinhos e mulatinhos” que tinham a “pele sobre os ossos, escaveirados”, de coloração amarelada, provavelmente causada por alguma doença ou falta de vitaminas; além disso, eram “sabidos de fazer medo” (AMADO, 2010b, p. 140). Da mesma forma que os meninos das fazendas, os da Ilha das Cobras morriam com facilidade, devido à falta de condições sanitárias e deficiências alimentares pelas quais passavam:

Enquanto eram pequeninhos chafurdavam na lama da Ilha das Cobras e, como se achassem pouco, dedicavam parte do dia a pescar siris nos pântanos próximos. Voltavam com os pés negros da lama do mar, alguns siris dependurados em uma corda improvisada com cipós. Por vezes esses siris eram o jantar de uma família (AMADO, 2010b, p. 140).

Por vezes, na narrativa, fica evidente a situação de carestia de vida pela qual passavam os habitantes mais pobres da cidade. Além desses siris, mencionados anteriormente como uma alternativa

de jantar das famílias menos abastadas, outra opção para o sustento da casa era o cultivo de pimenta, de limões e tangerinas nos quintais e sua venda no mercado municipal (AMADO, 2010b). No romance, o narrador ainda destacou essa situação enfatizando que “Ilhéus era uma cidade de vida cara, talvez a cidade de vida mais cara do Brasil. Qualquer legume custava um dinheirão, a carne andava por um preço absurdo, todos os produtos, mesmo os mais necessários, vinham de fora” (AMADO, 2010b, p. 66). Do mesmo modo, os aluguéis tinham preços abusivos, pois “por mais rápido que andasse o crescimento das ruas da cidade, ainda assim o número de casas era insuficiente para os moradores” (AMADO, 2010b, p. 66).

Mesmo assim a fama da riqueza de Ilhéus e da região cacauceira atraía migrantes de diversos lugares do nordeste que fugiam da seca, fincando suas “barracas miseráveis” nas proximidades do mercado municipal: “era a mesma gente magra e triste que desciam das terras pobres do Norte em busca de trabalho nas terras ricas do cacau” e seguiam “nas segundas-classes dos trens” para as grandes fazendas produtoras do “fruto de ouro” (AMADO, 2010b, p. 67).

Em certo ponto da narrativa, o narrador assume a postura de um *flâneur* urbano, “que se delicia com o andar sem rumo pelas ruas [...] não escapando o menor detalhe à sua observação” (PESAVENTO, 2002, p. 64). Contando, sobre a ida de Jeremias até a reunião da célula comunista em uma casa na Ilha das Cobras, a voz narrativa destaca o vazio das ruas encharcadas pela chuva que caía:

Apenas os bares ficaram apinhados de gente. A orquestra do “El-Dorado”, um dos cabarés da cidade, acompanha Joaquim durante um pedaço de caminho, jazz estridente, bom para dançar. Joaquim caminha com cuidado, seus sapatos são feitos com solas de pneu velho e escorregam com grande facilidade. As notas estridentes do clarinete do jazz vêm morrer na chuva, Joaquim atravessa a rua do Sebo, onde moram rameiras baratas. Uma o chama através da janela, ele apressa o passo. Quase escorrega na esquina, volta a andar devagar (AMADO, 2010b, p. 141-142).

É importante destacar algo interessante nesse trecho: a Rua do Sebo, local de moradia das “rameiras baratas”. É visível uma hierarquização até mesmo dos espaços de habitação das profissionais do sexo, enquanto as mais baratas viviam próximas às ruas sem calçamento e outros serviços públicos, as mais caras moravam na rua São Sebastião, no centro da urbe (AMADO, 2010b, p. 281). Essa diferenciação é ainda visível em relação aos cabarés e seus frequentadores, bem como em relação às suas localizações. O “Trianon”, que era o mais luxuoso, onde “quase só os coronéis e os exportadores tinham entrada” e “faziam ponto as rameiras mais caras, as francesas e as polacas”, ficava numa rua de frente para o mar; o “Bataclã”, mais democrático, “era na rua do Unhão, diante do porto”; o “El-Dorado” era um humilde espaço onde os empregados do comércio festejavam; “o ‘Far-West’, na rua do Sapo, atraía os capatazes chegados das fazendas, pequenos lavradores, estivadores e gente do mar. [...]. Por vezes havia barulhos, a polícia intervinha” (AMADO, 2010b, p. 152-176). E, finalmente, existia o “Retiro”, “um sórdido cabaré na beira do cais, onde cerveja era luxo. Iam operários, trabalhadores do campo que baixavam à cidade, malandros, vagabundos e ladrões” (AMADO, 2010b, p. 176). Em todos eles, a jogatina era frequente, a embriaguez habitual e a prostituição normalizada.

Podemos dizer que Jorge Amado construiu uma outra imagem da cidade, que no auge de sua riqueza, era pensada como lugar de vícios, excessos e imoralidades. Como exemplo disso, o escritor, através do narrador de *São Jorge dos Ilhéus*, destaca o “Terno do Ipicilone”, um tipo de “festejo” “que, pela madrugada, quando a cidade dormia, homens e mulheres, embriagados, arrancavam saias e calças, e, seminus, marchavam do cabaré para as ruas de rameiras, cantando a canção oficial do “Terno”” (AMADO, 2010b, p. 176-177). Ademais, existiam os vícios nas bebidas alcoólicas e nas drogas, como a cocaína, consumida também nos cabarés pelos “mocinhos ricos”. Em suma, resume-se que “A alta [do cacau] trazia na sua festa de dinheiro quanta coisa boa e ruim havia pelas cidades grandes” (AMADO, 2010b, p. 231).

Ainda no mesmo romance, após o período de alta forçada nos preços da amêndoa do cacau, a cidade entrou em estado de decadência. Os coronéis, empobrecidos pelas dívidas que contraíram com os exportadores e suas casas comerciais, tiveram que leiloar suas fazendas para quitar dívidas. Isso provocou o desemprego de vários “alugados” e sua expulsão das terras onde trabalhavam, tendo como única opção seguir para as zonas urbanas. Sem dinheiro e sem habitação certa, esses homens e mulheres passaram da condição de trabalhadores para a de pedintes, tendo de viver em barracas improvisadas no porto da cidade, esperando alguma solução da intendência.

Em *Gabriela, Cravo e Canela*, as contradições sociais narradas em *São Jorge dos Ilhéus* aparecem de forma menos escancarada. O tom humorístico define, de forma irônica, como são apresentadas as desigualdades vividas na cidade. Enquanto nos romances anteriores da saga do cacau o escritor descreveu com crueza de detalhe as condições desumanas e miseráveis em que viviam os trabalhadores, em *Gabriela* Amado optou por utilizar um tom mais leve, porém ainda ácido. Aparentemente, não há uma crítica social densa em relação às condições de vida dos subalternos que habitavam a urbe. Contudo, por meio de uma leitura mais atenciosa, é visível o julgamento do autor em relação aos contrastes urbanos, econômicos e sociais em Ilhéus.

Antes de adentrarmos na discussão do romance *Gabriela*, é importante enfatizar que *São Jorge dos Ilhéus* foi escrito enquanto o romancista ainda fazia parte dos quadros do Partido Comunista, e, por esse motivo, a crítica social mais aberta era uma característica que se sobressaía. Amado reconheceu que, enquanto estava no partido, a função social da arte era mais valorizada do que os seus aspectos puramente estéticos e era papel dos artistas denunciarem as explorações do sistema capitalista sobre a classe trabalhadora. Ao mesmo tempo, deviam direcionar o proletariado para o caminho revolucionário (AMADO, 2012). Esse romance, de acordo com Eduardo de Assis Duarte (1995, p. 189), “cumprir o propósito do texto político engajado nos objetivos de curto prazo: formar um pensamento, contar a história não-oficial, propagar a utopia”.

Conforme Duarte, no período de escrita e publicação de *São Jorge dos Ilhéus*, “o autor estava imbuído da cega disciplina militante, fruto do centralismo leninista e de um verdadeiro culto da ideologia” (DUARTE, 1995, p. 201). É por esse motivo que nessa narrativa há um “sentido fortemente panfletário que impregna o texto [...] e que cumpre objetivos de curto prazo” (DUARTE, 1995).

De forma oposta, nas palavras do próprio romancista, “*Gabriela* aparece como uma etapa clara de uma outra época” (RAILLARD, 1990, p. 267):

O que caracteriza *Gabriela* é uma respiração mais ampla, um conhecimento mais profundo da realidade, uma complexidade muito maior. Se há um elemento novo e importante, mais importante do que tudo que caracteriza meus livros anteriores, é o humor. Ele surge em minha obra com *Gabriela*, e depois ficou para sempre, e é um dos elementos fundamentais da minha criação.

Isso não impediu Amado de escrever um romance realista, que representasse a sociedade cacauceira, apresentando denúncias contra o tradicionalismo arcaico e o sexismo dos habitantes de Ilhéus. Vale destacar, também, a desilusão pela qual passou o romancista em 1956, depois do 20º Congresso Comunista, que culminou com a descoberta e divulgação dos crimes de Stalin, ocasionando o distanciamento de Jorge Amado do Partido Comunista e, conseqüentemente, a mudança em seu processo de criação literária (DARMAROS, 2020).

Em *Gabriela, Cravo e Canela* o espaço urbano foi representado como um lugar em constantes transformações sociais e materiais, com a adoção de novos hábitos por parte da população que vivia no centro e por meio de melhoramentos públicos e novas construções privadas. No romance, o narrador afirma: “A cidade ia perdendo, a cada dia, aquele ar de acampamento guerreiro que a caracterizara no tempo da conquista da terra: fazendeiros montados a cavalo, de revólver à cinta, amedrontadores jagunços de repetição em punho atravessando ruas sem calçamento” (AMADO, 2008, p. 23-24). Todavia, mesmo com os nítidos indícios de progresso e civilidade, também é ressaltado que ainda eram visíveis algumas “marcas do passado” em Ilhéus:

Ainda se misturavam em suas ruas esse impetuoso progresso, esse futuro de grandezas, com os restos dos tempos da conquista da terra, de um próximo passado de lutas e bandidos. Ainda as tropas de burros, conduzindo cacau para os armazéns dos exportadores, invadiam o centro comercial, misturando-se aos caminhões que começavam a fazer-lhes frente. Passavam ainda muitos homens calçados de botas, exibindo revólveres, estouravam ainda facilmente arruaças nas ruas de canto, jagunços conhecidos arrotavam valentias nos botequins baratos, de quando em vez um assassinato era cometido em plena rua. Cruzavam essas figuras, nas ruas calçadas e limpas, com exportadores prósperos, vestidos com elegância por alfaiates vindos da Bahia, com incontáveis caixeiros-viajantes ruidosos e cordiais, sabendo sempre as últimas anedotas, com os médicos, advogados, dentistas, agrônomos, engenheiros, chegados a cada navio (AMADO, 2008, p. 24).

De acordo com Pesavento, no processo de remodelação e urbanização do Rio de Janeiro, em fins do século XIX, os poderes públicos, de modo a criar nova identidade para a velha cidade colonial e promover uma imagem moderna, efetuaram uma série de demolições dos elementos urbanos que remetiam ao passado. Nas palavras da historiadora: “Os referenciais da cidade velha iam, aos poucos, sendo destruídos, e a percepção espacial reorientava aquela do tempo: o Rio apagava o seu passado e inscrevia o seu futuro no presente” (PESAVENTO, 2002, p. 185). As formas urbanas mudavam, porém os velhos hábitos ainda persistiam no tecido social da metrópole em transformação:

Fossem só materiais e concretas as imagens do contraste entre o velho/condenado e o novo/desejado, e a tarefa de construir uma cidade realmente maravilhosa seria fácil... Mas havia as socialidades antigas, os velhos hábitos denunciadores de barbárie, aliados à ignorância do povo (PESAVENTO, 2002, p. 185).

Percebemos uma situação parecida em Ilhéus, como a cidade é apresentada em *Gabriela, Cravo e Canela* e pelos redatores dos jornais que circulavam na cidade na década de 1920 (SANTOS, 2021). Contudo, ambos ressaltavam questões diferentes relacionadas a esses “velhos hábitos denunciadores de barbárie”. O narrador de *Gabriela*, por exemplo, associou o atraso e o tradicionalismo dos habitantes do município ao coronelismo, que vigorava naqueles tempos e não permitia que novas ideias e novos hábitos, vindos das grandes cidades, encontrassem aprovação no seio da sociedade cacauceira, tudo em nome da moralidade cristã.

Algumas práticas sociais do período do “desbravamento” das terras do cacau ainda faziam parte do dia a dia da cidade, como o costume de andar armado: “Andando para a estrada de ferro, na hora triste do crepúsculo, o chapelão de abas largas, o revólver na cinta, Nacib recordava Sinhazinha” (AMADO, 2008, p. 127). O narrador acrescenta que, mesmo com as nítidas mudanças materiais e simbólicas, Ilhéus ainda “estava longe de ser realmente civilizada. Falava-se muito em progresso, o dinheiro corria solto, o cacau rasgava estradas, erguia povoados, mudava o aspecto da cidade, mas conservavam-se os costumes antigos, aquele horror” (AMADO, 2008, p. 128). Essa situação se tornou evidente com a notícia do assassinato de Sinhazinha e Osmundo pelo coronel Jesuíno, marido traído. Em suma:

Modificava-se a fisionomia da cidade, abriam-se ruas, importavam-se automóveis, construíam-se palacetes, rasgavam-se estradas, publicavam-se jornais, fundavam-se clubes, transformava-se Ilhéus. Mais lentamente porém evoluíam os costumes, os hábitos dos homens. Assim acontece sempre, em todas as sociedades (AMADO, 2008, p. 12)

Pesavento constata a recorrência da identificação da cidade com a ideia de civilização e cultura, ao tempo em que “seja também associada aos termos da barbárie e selvageria” (PESAVENTO, 2002, p. 44). De acordo com a historiadora, “As metáforas da selva e da *jungle*, nitidamente antiurbanas, convivem com a noção de urbanidade, que exprime uma conduta social adequada e a polidez nas relações humanas.” (PESAVENTO, 2002, p. 44). E é isso que vemos na maior parte do romance *Gabriela, Cravo e Canela*, quando são apresentadas as inovações na arquitetura e formas urbanas e as novas práticas sociais de lazer que se misturavam aos velhos costumes de mando, de violência, de demonstração de “macheza”: “Na feira explodia uma rixa, gente corria, uma navalha brilhava aos últimos raios do sol, os gritos chegavam até ali. Todo fim de feira era assim, com bêbedos e barulhos” (AMADO, 2008, p. 130). Do mesmo modo, antigos prédios e ruas ainda faziam parte da configuração urbana.

Assim como em *São Jorge dos Ilhéus*, em *Gabriela, Cravo e Canela*, o narrador também possibilita perceber a diversidade de habitantes da cidade e dos diferentes espaços nos quais viviam ou que frequentavam. Exemplo disso é quando Nacib vai em busca de uma nova cozinheira nos morros e em outros locais de habitação populares da cidade: “Iniciara a desesperada busca pelo morro do unhão [...]

Nacib percorrera Ilhéus de ponta a ponta, naquela primeira manhã de sol após a longa estação das chuvas” (AMADO, 2008, p. 67). Desfazendo o acordo com duas “cabrochas” que iriam ajudar sua antiga cozinheira nos preparativos do banquete para a festa de inauguração da empresa de ônibus da cidade, o protagonista recebeu informações de que, no morro da Conquista, encontraria outra, famosa e de “mão-cheia” e para lá partiu:

Nacib tocou-se para a Conquista, a ladeira ainda escorregadia das chuvas, um grupo de negrinhas a rir quando ele caiu, sujando os fundilhos da calça. De informação em informação, localizou a casa da cozinheira. No alto do morro. Uma casinha de madeira e zinco. Daquela vez ia com certa esperança. Seu Eduardo, dono de vacas leiteiras, confirmara-lhe os predicados de Mariazinha. Trabalhara uns tempos em sua casa, tinha um tempero de fazer gosto. Seu único defeito era a bebida, cachaceira memorável.

Quando bebia pintava o diabo: faltara com o respeito a dona Mariana, por isso Eduardo a despedira. (AMADO, 2008, p. 68)

Após ouvir a recusa de sua oferta de trabalho, Nacib seguiu para a feira da cidade, onde lhe aconselham a ir até o Pontal a fim de continuar sua busca. Imediatamente, o sírio “Tomou a canoa, atravessou o ancoradouro. Andou pelas poucas ruas de areia, sob o sol, onde crianças pobres jogavam futebol com bola de meia” (AMADO, 2008, p. 71). Contudo não obteve sucesso na procura de uma nova cozinheira nesse local. No fim do dia, decidindo ir até o “mercado dos escravos”, espaço onde os migrantes que vinham do sertão fugindo da seca armavam suas barracas à espera de um emprego nas roças de cacau, o protagonista finalmente encontrou sua cozinheira, Gabriela.

É interessante ressaltar como o narrador apresenta a variedade de sujeitos que se misturam na cidade e a enriquecem social e culturalmente. Na feira Nacib viu uma diversidade de objetos, animais e indivíduos:

Árabes pobres, mascates das estradas, exibiam suas malas abertas, berliques e berloques, cortes baratos de chita, colares falsos e vistosos, anéis brilhantes de vidro, perfumes com nomes estrangeiros, fabricados em São Paulo. Mulatas e negras, empregadas nas casas ricas, amontoavam-se ante as malas abertas [...]. Um camelô, com uma cobra mansa e um pequeno jacaré, anunciava a cura de todas as moléstias para um grupo a cercá-lo. [...] Bilhas de barro, meringas, potes para água fresca, panelas, cuscuzeiros, e cavalos, bois, cachorros, galos, jagunços com suas repetições, homens montados, soldados de polícia e cenas de tocaia, de enterro e casamento, valendo um tostão, dois, um cruzado, obra das mãos toscas e sábias dos artesãos. Um negro quase tão alto quanto Nacib virava um copo de cachaça de um trago, cuspiam grosso no chão (AMADO, 2008, p. 70-71).

Finalmente, quando encontrou Gabriela, é dito que a personagem estava em um estado deplorável, igualmente a todos retirantes que se encontravam no “mercado dos escravos”: “Uns molambos, uma imundície, os cabelos duros de pó” (AMADO, 2008, p. 141)

Percebe-se o contraste espacial da cidade com maior nitidez quando o narrador comenta a respeito da repercussão do assassinato de Sinhazinha e do Dr. Osmundo:

A notícia do crime espalhou-se num abrir e fechar de olhos. Do morro do Unhão ao morro da Conquista, nas casas elegantes da praia e nos casebres da ilha das Cobras,

no Pontal e no Malhado, nas residências familiares e nas casas de mulheres públicas, comentava-se o acontecido (AMADO, 2008, p. 105).

Verificamos nesse trecho a existência de diferentes espaços que também faziam parte da cidade, além do centro, que se transformava e civilizava – local onde ocorreu o bárbaro assassinato, controvertendo o seu *status* de civilidade. Observa-se a recorrência desses lugares e dos sujeitos que os habitam nos romances de Jorge Amado ambientados na região cacauzeira, bem como de temas relacionados aos subalternizados.

Uma das temáticas abordadas em todos os romances da saga do cacau é a migração de sergipanos e demais retirantes que vêm do sertão do norte da Bahia ou de outros estados do Nordeste fugindo da seca, da extrema pobreza de onde nasceram, ou motivados pela fama de prosperidade e riqueza fácil que corria sobre as terras do cacau.

A fama de Ilhéus corria mundo, os cegos cantavam suas grandezas nas violas, os caixeiros-viajantes falavam daquelas terras de fartura e valentia, ali um homem se arranjava num abrir e fechar de olhos, não havia lavoura mais próspera que a do cacau. Os bandos de imigrantes desciam do sertão, a seca nos seus calcanhares, abandonavam a terra árida onde o gado morria e as plantações não vingavam, tomavam as picadas em direção ao sul. [...] Chegavam dizimados, restos de famílias, quase mortos de cansaço, mas os corações pulsavam de esperança naquele dia derradeiro de marcha. Um pouco mais de esforço e teriam atingido a cidade rica e fácil. As terras do cacau onde dinheiro era lixo nas ruas (AMADO, 2008, p. 94).

E quando chegavam à cidade, por não terem dinheiro para alugar pensões nos bairros mais pobres, iam direto para o “mercado dos escravos”, onde armavam suas barracas e ficavam acampados.

Antes de começar o morro da Conquista ficava o “mercado dos escravos”. Alguém assim apelidara, há tempos, o lugar onde os retirantes acampavam à espera de trabalho. O nome pegara, ninguém chamava de outra maneira. Amontoavam-se ali os sertanejos fugidos da seca, os mais pobres entre quantos deixavam suas casas e suas terras no apelo do cacau (AMADO, 2008, p. 130).

Mais uma vez, o narrador demonstra a situação de extrema pobreza e desigualdade social existente na “Capital do Cacau” Ilhéus, considerada uma cidade rica, bela e civilizada. Com isso, podemos observar que a urbe não era feita somente pelo que as representações sociais divulgadas na imprensa escrita local da década de 1920 apresentavam: a estética moderna, o alto grau de civilidade ou suas transformações materiais. O escritor revela outros “traços” da “Rainha do Sul” para seu leitor (SANTOS, 2021).

Em certo ponto da narrativa, Nacib, ao presenciar o cortejo do enterro de Osmundo e Sinhazinha, pensou: “Vida salafrária, cheia de hipocrisia, cidade sem coração onde só o dinheiro contava” (AMADO, 2008, p. 149). Pesavento, analisando as representações literárias da Paris moderna, afirma: “A cidade é, na mesma medida, monstro devorador e mãe que dá guarida e refúgio a todos os seus filhos, suscitando aquela atitude de atração-repúdio típica da modernidade de que nos fala Berman” (PESAVENTO, 2002, p. 48). É isso que vemos na Ilhéus representada em alguns pontos do romance *Gabriela, Cravo e Canela*: uma cidade que, ao mesmo tempo, devora indivíduos, mastiga-os e cospe o

produto daquela sociedade, finalmente torna-se mãe dos homens e mulheres grapiúnas – uma mãe que claramente dá a mão aos filhos mais poderosos e negligencia os que mais precisam de ajuda.

Assim como em *São Jorge dos Ilhéus*, em *Gabriela* o escritor também apresentou uma diferenciação dos “espaços de prazer” masculino, os cabarés, que geralmente tinham suas localizações relacionadas ao contraste socioespacial urbano. O narrador expõe: “O Bataclan e o Trianon eram os principais cabarés de Ilhéus, frequentados pelos exportadores, fazendeiros, comerciantes, viajantes de grandes firmas” (AMADO, 2008, p. 142). Em contrapartida, “nas ruas de canto havia outros, onde se misturavam trabalhadores do porto, gente vinda das roças, as mulheres mais baratas. O jogo era franco em todos eles, garantindo os lucros” (AMADO, 2008, p. 142).

A cidade vício, palco de imoralidades, aparece novamente nesse romance, quando examinamos a presença constante dos personagens masculinos da trama nos cabarés ou nas casas de “mulheres damas”. Identificamos, na narrativa, a aceitação dos “cabarés, as casas de mulheres da vida, a orgia desenfreada das noites de Ilhéus. Os homens precisavam daquilo” (AMADO, 2008, p. 74). Isso por parte do Coronel Ramiro e de seus companheiros que dominavam a cidade e julgavam como negativas e imorais as inovações levadas por Mundinho, como o Clube Progresso. Dessa forma, a hipocrisia da consciência burguesa conservadora de alguns personagens, apontada pelo narrador, é considerada a motivadora da falta de religiosidade dos habitantes de Ilhéus.

Declara Pesavento (2002, p. 48): “A cidade é, ao mesmo tempo, o teatro alegórico de realização da virtude e do vício, agora inseparáveis, o que permite uma relativização dos valores e um certo ceticismo diante da ambivalência de um processo que nela habitam.” É justamente isso que notamos nos pensamentos do personagem Ramiro, que, ao aceitar a existência dos cabarés e das “casas de damas”, estaria aceitando a imoralidade na urbe; contudo, ele não concorda com a presença de um clube de dança para os jovens e as mulheres casadas, por ser considerado um lugar que fere os princípios da família cristã. O que torna esse pensamento mais contraditório é o fato de que “os coronéis do cacau não primavam pela religiosidade, não frequentavam igrejas, rebeldes à missa e à confissão, deixando essas fraquezas para as fêmeas da família” (AMADO, 2008, p. 17).

Outro ponto a ser destacado no romance é a assimetria da distribuição de melhoramentos públicos entre os bairros da cidade. Enquanto o centro da urbe recebia a maior parte dos novos serviços e passava por reformas “modernizantes”, os arrabaldes, ou bairros pobres, continuavam com ruas sem calçamento, de barro ou areia, como era o caso do Pontal, do Unhão e da Conquista. Esses locais eram considerados bairros perigosos, por facilitarem a fuga ou o esconderijo de foras da lei em seus “bosques ralos de árvores, [e] densos de mato” (AMADO, 2008, p. 301), como foi o caso do personagem Fagundes, após atirar contra o intendente de Itabuna.

Nessa situação em particular, o narrador comenta que, durante a busca pelo criminoso, a polícia entrou “nas casas pobres, vasculhando-as de alto a baixo” (AMADO, 2008, p. 301), uma atitude típica da Primeira República. De acordo com Sidney Chalhoub, neste período a polícia agia “a partir do pressuposto da suspeição generalizada, da premissa de que todo cidadão é suspeito de alguma coisa até

prova em contrário e, é lógico, alguns cidadãos são mais suspeitos do que outros” (CHALHOUB, 1996, p. 23). Pela inexistência de políticas públicas de igualdade racial e social no Brasil do início do século XX, geralmente os mais atingidos pelas perseguições e arbitrariedades policiais eram os pretos e pobres, independentemente se trabalhavam ou não; e em Ilhéus não era diferente (CARVALHO, 2015, p. 41).

O narrador destaca que a cidade “hospedava numerosos malandros, vigaristas, batedores de carteira, gente pouco recomendável fugida da Bahia e de outras praças” (AMADO, 2008, p. 384). Podemos imaginar que o poder público municipal acreditava que esses sujeitos viviam nos bairros pobres, pois era para lá que as forças policiais iam, de imediato, quando procuravam por criminosos ou suspeitos. Esse foi o caso da busca por Fernand, o cozinheiro, quando se suspeitou que ele havia sido vítima de algum mal: “O delegado e os soldados bateram o porto, o Unhão, a Conquista, o Pontal, a ilha das Cobras” (AMADO, 2008, p. 384). Isso se devia ao fato de que a maior parte da população desses locais, senão toda ela, era composta por sujeitos subalternizados, a maioria trabalhadores e ganhadores urbanos.

Em um descampado em frente à Rua do Unhão, próximo ao porto, era possível ver “negras [que] vendiam mingau e cuscuz, milho cozido e bolos de tapioca” (AMADO, 2008, p. 28). Uma delas, “formosa [...] especialista em mingau e cuscuz de puba, descia o morro, o tabuleiro sobre a cabeça, vestida com a saia colorida de chitão e a bata engomada e decotada a mostrar metade dos seios rijos” (AMADO, 2008, p. 28). Via-se, também, os pescadores, cedinho, descarregando o peixe fresco, e os carregadores esperando os vapores para o desembarque de malas e objetos de viajantes e o embarque de sacas de cacau. Nos bairros pobres também se encontravam cozinheiras como Mariazinha, da Conquista, e lavadeiras como Raimunda, mãe de Tuísca, do Pontal. Nas noites da cidade era possível encontrar “os mais pobres casais, mendigos, malandros, putas sem pouso, [que] faziam sua cama de amor na praia escondida entre os rochedos, embolavam na areia” (AMADO, 2008, p. 240-241).

No romance *Gabriela*, novamente, o narrador assume a postura de um *flâneur* e nos faz caminhar com Gabriela por algumas ruas da cidade, quando a personagem foi até o Cabaré Bate-Fundo entregar um recado ao jagunço Loirinho. Entre os locais pelos quais ela passou, conta-se os “trilhos da estrada de ferro, [por onde se] chegava às casas pobres das ruas de canto. Mulheres-damas, de última classe, passavam por ela e a estranhavam” (AMADO, 2008, p. 307). O ambiente é descrito como barulhento, “com músicas de pandeiro e violão”, e, “da porta do Bate-Fundo, na rua pouco iluminada, saía um rumor de conversas, de gargalhadas e gritos” (AMADO, 2008, p. 307). O narrador apresenta a variedade de sujeitos presentes naquele espaço:

Um velho tocava violão, um rapazola batia pandeiro. Mulheres envelhecidas, demasiadamente pintadas, algumas bêbedas. Outras eram cabrochas de extrema juventude. Uma delas, de cabelos escorridos e face magra, não devia ter ainda quinze anos completos. [...] As mulheres, as velhas e as mocinhas, olhavam-na [Gabriela] com desconfiança. De onde vinha aquela concorrente, bonita e excitante? Outro homem também a chamava. O dono do bar, um mulato perneta, andava para ela, a perna de pau fazendo um ruído seco ao pisar. Um tipo vestido de marinheiro, de um baiano talvez, passou o braço em torno à sua cintura (AMADO, 2008, p. 308).

Finalmente, perto do final do romance, comenta-se sobre as comemorações de fim de ano em todos os bairros subalternos, com “sambas de umbigada nas casas pobres dos morros, da ilha das Cobras. A cidade festiva e festeira, cachaçadas e brigas nos cabarés e botequins das ruas de canto. Cheios os bares e os cabarés do centro” (AMADO, 2008, p. 323). O escritor fecha o livro com uma representação festiva para a Ilhéus do cacau: a cidade se tornou o espaço da celebração da felicidade de Nacib e Gabriela, bem como de todos os habitantes que “conquistaram” o tão sonhado porto internacional e a exportação direta do cacau.

CONCLUSÃO

Através dessa pequena incursão pudemos identificar a diversidade de espaços e sujeitos que fazem parte da leitura urbana do escritor Jorge Amado, mas que foram excluídos ou silenciados na memória social e representação histórica da cidade. Atualmente as produções historiográficas que tratam de Ilhéus destacam esses personagens e lugares subalternizados, dando a devida importância aos mesmos na/para construção da urbe, valorizando suas ações e vivências. Contudo, no senso comum, ainda está cristalizada a ideia de prosperidade e progresso da “Capital do cacau” dos anos 1920 e 1930, impossibilitando que se enxergue e se perceba a presença da população subalternizada e os bairros suburbanos no conjunto da cidade que então se modernizava. Essa imagem continua sendo vendida pelo setor turístico e pela municipalidade sem a devida análise crítica e social.

REFERÊNCIAS

AMADO, J. *Cacau*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010a.

AMADO, J. *Gabriela, Cravo e Canela: crônica de uma cidade do interior*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AMADO, J. *Navegação de Cabotagem: apontamentos para um livro de memória que jamais escreverei*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. Disponível em: <https://lelivros.love/book/download-navegacao-de-cabotagem-jorge-amado-em-epub-mobi-e-pdf/>. Acesso em: 25 de set. de 2019.

AMADO, J. *São Jorge dos Ilhéus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.

BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

CARVALHO, P. M. S. de. *Trabalhadores, associativismo e política no Sul da Bahia (Ilhéus e Itabuna, 1919-1934)*. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

CHALHOUB, S. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHARTIER, R. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1990.

DARMAROS, M. *Caso Jorge Amado: o poder soviético e a publicação de Gabriela, Cravo e Canela*. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura Russa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

DUARTE, E. de A. *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. Natal: Ed. da UFRN, 1995.

GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais*. Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LEENHARDT, J.; PESAVENTO, S. J. (Org.). *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1998.

NEVES, M. de S. O povo na rua: um *Conto de duas cidades*. In: PECHMAN, R. M. (org.) *Olhares Sobre a Cidade*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1994. p. 135-155.

PECHMAN, R. M. Apresentação. In: PECHMAN, R. M. (org.) *Olhares Sobre a Cidade*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1994. p. 5-9.

PESAVENTO, S. J. *O Imaginário da cidade: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002.

RAILLARD, A. *Conversando com Jorge Amado*. Rio de Janeiro: Record, 1990.

RIBEIRO, A. L. R. *Urbanização, poder e práticas relativas à morte no sul da Bahia, 1880-1950*. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

SANTOS, I. C. *A “Princesa do Sul” na narrativa ficcional de Jorge Amado e na imprensa escrita local: representações da Cidade de Ilhéus-Ba na década de 1920*. Dissertação (Mestrado em História, Cultura e Práticas Sociais) – Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas, 2021.

Data de submissão: 03/05/2022

Data de aprovação: 05/05/2023

Copyright (c) 2023 politeia



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)